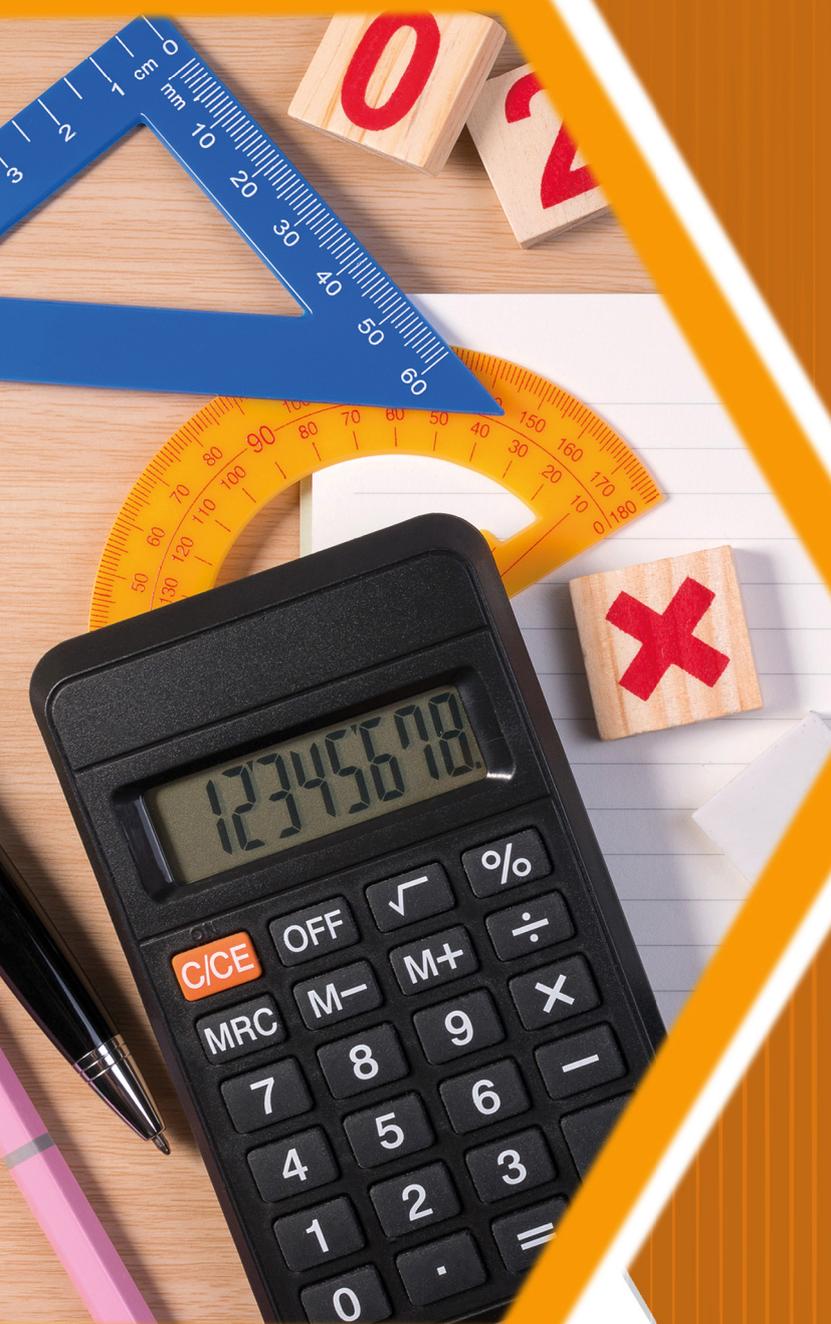


Ensino Aprendizagem de Matemática

Eliel Constantino da Silva
(Organizador)



Eliel Constantino da Silva
(Organizador)

Ensino Aprendizagem de Matemática

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E59	Ensino aprendizagem de matemática [recurso eletrônico] / Organizador Eliel Constantino da Silva. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-545-7 DOI 10.22533/at.ed.457192008 1. Matemática – Estudo e ensino. 2. Prática de ensino. 3. Professores de matemática – Formação. I. Silva, Eliel Constantino da. CDD 510.7
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Esta obra reúne importantes trabalhos que tem como foco a Matemática e seu processo de ensino e aprendizagem em salas de aula do Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior.

Os trabalhos abordam temas atuais e relevantes ao ensino e aprendizagem da Matemática, tais como: a relação da Matemática com a música no ensino de frações, livros didáticos e livros literários no ensino de Matemática, uso de instrumentos de desenho geométrico, jogos, animes e mangá como contribuições para o desenvolvimento da Matemática em sala de aula, análise dos problemas que envolvem o ensino de Trigonometria no Ensino Médio, a ausência do pensamento matemático e argumento dedutivo na Educação Matemática, investigação e modelagem matemática, tendências em Educação Matemática, formação inicial de professores de Matemática e apresentam um aprofundamento da Matemática através dos dígitos verificadores do cadastro de pessoas físicas (CPF), simetria molecular, análise numérica e o Teorema de Sinkhorn e Knopp.

A importância deste livro está na excelência e variedade de abordagens, recursos e discussões teóricas e metodológicas acerca do ensino e aprendizagem da Matemática em diversos níveis de ensino, decorrentes das experiências e vivências de seus autores no âmbito de pesquisas e práticas.

O livro inicia-se com seis capítulos que abordam o ensino e a aprendizagem da Matemática no Ensino Fundamental. Em seguida há 9 capítulos que abordam o ensino e a aprendizagem da Matemática no Ensino Médio, seguidos de 4 capítulos que abordam a temática do livro no Ensino Superior. E por fim, encontram-se 10 capítulos que trazem em seu cerne a Matemática enquanto área do conhecimento, sem a apresentação de uma discussão acerca do seu ensino e do processo de aprendizagem.

Desejo a todos os leitores, boas reflexões sobre os assuntos abordados, na expectativa de que essa coletânea contribua para suas pesquisas e práticas pedagógicas.

Elie Constantino da Silva

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
RELAÇÕES ENTRE A MÚSICA E A MATEMÁTICA: UMA FORMA DE TRABALHAR COM FRAÇÕES	
<i>Enoque da Silva Reis</i> <i>Hemerson Milani Mendes</i> <i>Samanta Margarida Milani</i>	
DOI 10.22533/at.ed.4571920081	
CAPÍTULO 2	14
POSSIBILIDADES DIDÁTICAS E PEDAGÓGICAS DO USO DA IMAGEM VIRTUAL NO ENSINO DE MATEMÁTICA: UM ESTUDO ENVOLVENDO SEMIÓTICA EM UMA FANPAGE E LIVROS DIDÁTICOS	
<i>Luciano Gomes Soares</i> <i>José Joelson Pimentel de Almeida</i>	
DOI 10.22533/at.ed.4571920082	
CAPÍTULO 3	26
PIFE DA POTENCIAÇÃO E RADICIAÇÃO – UMA ALTERNATIVA METODOLÓGICA	
<i>Ítalo Andrew Rodrigues Santos</i> <i>Joao Paulo Antunes Carvalho</i> <i>Josué Antunes de Macêdo</i> <i>Lílian Isabel Ferreira Amorim</i>	
DOI 10.22533/at.ed.4571920083	
CAPÍTULO 4	35
O ENSINO DE MATEMÁTICA COM O AUXÍLIO DE LIVROS LITERÁRIOS EM TURMAS DO 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	
<i>Karine Maria da Cruz</i> <i>Lucília Batista Dantas Pereira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.4571920084	
CAPÍTULO 5	46
RELATO DA UTILIZAÇÃO DE INSTRUMENTOS DE DESENHO GEOMÉTRICO NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE CONCEITOS GEOMÉTRICOS	
<i>Luana Cardoso da Silva</i> <i>Washington Leonardo Quirino dos Santos</i> <i>Leonardo Cinésio Gomes</i> <i>Cristiane Fernandes de Souza</i>	
DOI 10.22533/at.ed.4571920085	
CAPÍTULO 6	55
ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DO JOGO VAI E VEM DAS EQUAÇÕES NO ENSINO DE EQUAÇÕES DO 1º E DO 2º GRAU	
<i>Anderson Dias da Silva</i> <i>Lucília Batista Dantas Pereira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.4571920086	

CAPÍTULO 7	68
TRIGONOMETRIA NO ENSINO MÉDIO: UMA ANÁLISE DOS PROBLEMAS QUE ENVOLVEM O SEU ENSINO NO IFPB CAMPUS CAJAZEIRAS-PB	
<i>Francisco Aureliano Vidal</i>	
<i>Carlos Lisboa Duarte</i>	
<i>Adriana Mary de Carvalho Azevedo</i>	
<i>Kíssia Carvalho</i>	
<i>Geraldo Herbetet de Lacerda</i>	
<i>Uelison Menezes da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.4571920087	
CAPÍTULO 8	81
OS JOGOS MATEMÁTICOS PARA MINIMIZAR A MATEMATOFOBIA DOS ALUNOS: UM ENCONTRO NO LABORATÓRIO DE MATEMÁTICA	
<i>Hellen Emanuele Vasconcelos Albino</i>	
<i>Yalorisa Andrade Santos</i>	
<i>Kátia Maria de Medeiros</i>	
DOI 10.22533/at.ed.4571920088	
CAPÍTULO 9	90
O ESTUDO DA PARÁBOLA NA FORMA CANÔNICA E COMO LUGAR GEOMÉTRICO	
<i>Micheli Cristina Starosky Roloff</i>	
DOI 10.22533/at.ed.4571920089	
CAPÍTULO 10	98
LEONHARD EULER (1707-1783) E ESTUDO DA FÓRMULA DE POLIEDROS NO ENSINO MÉDIO	
<i>Julimar da Silva Aguiar</i>	
<i>Eliane Leal Vasquez</i>	
DOI 10.22533/at.ed.45719200810	
CAPÍTULO 11	116
AUSÊNCIA DE PENSAMENTO MATEMÁTICO E ARGUMENTO DEDUTIVO NA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA: RESULTADOS DE UMA PESQUISA	
<i>Marcella Luanna da Silva Lima</i>	
<i>Abigail Fregni Lins</i>	
<i>Patricia Sandalo Pereira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.45719200811	
CAPÍTULO 12	129
AS FORMAS GEOMÉTRICAS NO DESENHO (ANIMES, MANGÁ): UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA AO ENSINO DE GEOMETRIA	
<i>Luciano Gomes Soares</i>	
<i>Tayná Maria Amorim Monteiro Xavier</i>	
<i>Mônica Cabral Barbosa</i>	
<i>Rosemary Gomes Fernandes</i>	
<i>Maria da Conceição Vieira Fernandes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.45719200812	

CAPÍTULO 13 141

A INVESTIGAÇÃO E A MODELAGEM MATEMÁTICA: UM ESTUDO EXPERIMENTAL COM A LARANJA CITRUS SENENSIS

Igor Raphael Silva de Melo
Célia Maria Rufino Franco
Marcos dos Santos Nascimento
Villalba Andréa Vieira de Lucena

DOI 10.22533/at.ed.45719200813

CAPÍTULO 14 150

“A MAÇÃ DO PROFESSOR”: EXPLORANDO O CÁLCULO DO VOLUME DE UMA MAÇÃ EM AULAS DE MODELAGEM MATEMÁTICA

Igor Raphael Silva de Melo
Célia Maria Rufino Franco
Isaac Ferreira de Lima
João Elder Laurentino da Silva
Jucimeri Ismael de Lima

DOI 10.22533/at.ed.45719200814

CAPÍTULO 15 160

CONGRUÊNCIA DE TRIÂNGULOS: UMA ABORDAGEM INVESTIGATIVA

Júlio César dos Reis
Aldo Brito de Jesus

DOI 10.22533/at.ed.45719200815

CAPÍTULO 16 171

ESTADO DA ARTE SOBRE TENDÊNCIAS EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA EM TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO/UFPE-CAA

Marcela Maria Andrade Teixeira da Silva
Edelweis José Tavares Barbosa
Maria Lucivânia Souza dos Santos
Jéssika Moraes da Silva

DOI 10.22533/at.ed.45719200816

CAPÍTULO 17 181

CONTRIBUIÇÕES DO PIBID NA FORMAÇÃO INICIAL DE FUTUROS PROFESSORES DE MATEMÁTICA

Eduardo da Silva Andrade
Eduarda de Lima Souza
Fanciclaudio de Meireles Silveira
Egracieli dos Santos Ananias
Leonardo Cinésio Gomes
Tiago Varelo da Silva

DOI 10.22533/at.ed.45719200817

CAPÍTULO 18 189

A FORMAÇÃO MATEMÁTICA DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS

Meire Aparecida De Oliveira Lopes
Liliane Oliveira Souza

DOI 10.22533/at.ed.45719200818

CAPÍTULO 19	204
OS DÍGITOS VERIFICADORES DO CADASTRO DE PESSOAS FÍSICAS (CPF)	
<i>Pedro Leonardo Pinto de Souza</i>	
<i>Vinícius Vivaldino Pires de Almeida</i>	
<i>Edney Augusto Jesus de Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.45719200819	
CAPÍTULO 20	218
SIMETRIA MOLECULAR	
<i>Guilherme Bernardes Rodrigues</i>	
<i>Wendy Díaz Valdés</i>	
<i>Teófilo Jacob Freitas e Souza</i>	
<i>Alonso Sepúlveda Castellanos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.45719200820	
CAPÍTULO 21	225
ANÁLISE NUMÉRICA DA EQUAÇÃO DA DIFUSÃO UNIDIMENSIONAL EM REGIME TRANSIENTE PELO MÉTODO EXPLÍCITO	
<i>Felipe José Oliveira Ribeiro</i>	
<i>Ítalo Augusto Magalhães de Ávila</i>	
<i>Hélio Ribeiro Neto</i>	
<i>Aristeu da Silveira Neto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.45719200821	
CAPÍTULO 22	235
SOLUÇÕES FRACAS PARA EQUAÇÃO DE BURGERS COM VISCOSIDADE NULA	
<i>Ana Paula Moreira de Freitas</i>	
<i>Santos Alberto Enriquez-Remigio</i>	
DOI 10.22533/at.ed.45719200822	
CAPÍTULO 23	244
ANÁLISE NUMÉRICA DA EQUAÇÃO DA DIFUSÃO UNIDIMENSIONAL EM REGIME TRANSIENTE PELO MÉTODO DE CRANK-NICOLSON	
<i>Ítalo Augusto Magalhães de Ávila</i>	
<i>Felipe José Oliveira Ribeiro</i>	
<i>Hélio Ribeiro Neto</i>	
<i>Aristeu da Silveira Neto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.45719200823	
CAPÍTULO 24	254
ANÁLISE NUMÉRICA DA EQUAÇÃO DA ONDA UNIDIMENSIONAL EM REGIME TRANSIENTE PELO MÉTODO EXPLÍCITO	
<i>Gabriel Machado dos Santos</i>	
<i>Ítalo Augusto Magalhães de Ávila</i>	
<i>Hélio Ribeiro Neto</i>	
<i>Aristeu da Silveira Neto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.45719200824	

CAPÍTULO 25	265
A IDEIA GEOMÉTRICA DA HOMOLOGIA E DO GRUPO FUNDAMENTAL	
<i>Wendy Díaz Valdés</i>	
<i>Lígia Laís Fêmina</i>	
<i>Teófilo Jacob Freitas e Souza</i>	
<i>Joyce Antunes da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.45719200825	
CAPÍTULO 26	271
ANÁLISE NUMÉRICA DA EQUAÇÃO DA DIFUSÃO BIDIMENSIONAL EM REGIME TRANSIENTE PELO MÉTODO EXPLÍCITO	
<i>Ítalo Augusto Magalhães de Ávila</i>	
<i>Felipe José Oliveira Ribeiro</i>	
<i>Hélio Ribeiro Neto</i>	
<i>Aristeu da Silveira Neto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.45719200826	
CAPÍTULO 27	280
TEOREMA DE SINKHORN E KNOPP	
<i>Gabriel Santos da Silva</i>	
<i>Daniel Cariello</i>	
<i>Wendy Díaz Valdés</i>	
<i>Joyce Antunes da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.45719200827	
CAPÍTULO 28	285
O ENSINO DA GEOMETRIA ESPACIAL COM O AUXÍLIO DO SOFTWARE GEOGEBRA UTILIZANDO PROJEÇÃO PARA ÓCULOS ANAGLIFO	
<i>Rosângela Costa Bandeira</i>	
<i>Aécio Alves Andrade</i>	
<i>Hudson Umbelino dos Anjos</i>	
<i>Jarles Oliveira Silva Nolêto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.45719200828	
CAPÍTULO 29	298
O USO DE SOFTWARES EDUCACIONAIS COMO FERRAMENTA AUXILIAR NO ENSINO DE FUNÇÕES MATEMÁTICAS	
<i>Cristiane Batista da Silva</i>	
<i>Aécio Alves Andrade</i>	
<i>Hudson Umbelino dos Anjos</i>	
<i>Jarles Oliveira Silva Nolêto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.45719200829	
SOBRE O ORGANIZADOR	309
ÍNDICE REMISSIVO	310

CONGRUÊNCIA DE TRIÂNGULOS: UMA ABORDAGEM INVESTIGATIVA

Júlio César dos Reis

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia,
Departamento de Ciências Exatas e Tecnológicas.

Vitória da Conquista – Bahia.

Aldo Brito de Jesus

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia,
Departamento de Ciências Exatas e Tecnológicas.

Vitória da Conquista – Bahia.

RESUMO: O presente trabalho teve como objetivo analisar as diferentes estratégias utilizadas por uma turma de alunos de um Curso de Licenciatura em Matemática durante a aplicação de uma atividade envolvendo congruência de triângulos. A aula foi desenvolvida na modalidade investigativa baseada na definição de Ernest para investigação matemática. Os alunos foram organizados em grupos e não receberam nenhuma orientação inicial de como proceder para cumprir a tarefa, os mesmos tiveram que discutir a situação proposta e elaborar planos para investigação da mesma. Partindo da observação do momento em sala de aula e das redações apresentadas pelos grupos fizemos uma análise qualitativa dos dados e vimos que os alunos apresentaram diferentes estratégias, cada uma delas com seus sucessos e suas respectivas falhas. Abordar o conteúdo de congruência de triângulo de forma investigativa e desenvolver o trabalho

em equipe permitiu uma melhor discussão e troca de conhecimento entre os alunos, além disso proporcionou um ambiente aberto para a formulação de conjecturas sem a necessidade de se preocupar inicialmente com o erro.

PALAVRAS-CHAVE: Estratégias. Investigação Matemática. Congruência de Triângulos.

CONGRUENCE OF TRIANGLES: AN INVESTIGATIVE APPROACH

ABSTRACT: This paper analyzes different strategies used by students of a Mathematics Degree Course to solve an activity on congruence of triangles. The activity was investigative (as defined by Ernest for mathematical investigation). The students were organized into groups and received no initial orientation to accomplish the task. The students discussed the proposed situation and the students drew up plans to resolve the activity. We observed the solutions presented by the students and we qualitatively analyze the solutions. We conclude that students presented different strategies, each with successes and failures. We concluded that the activity allowed a better discussion and exchange of knowledge among the students and in addition the activity provided an environment open for the formulation of conjectures. In this environment there was no need to worry about the error initially.

1 | INTRODUÇÃO

O ensino da Matemática muitas vezes limita-se a memorizar fórmulas e aplicar algoritmos para a resolução de exercícios, como se a Matemática estivesse esgotada. Alguns conteúdos quando abordados de maneira não adequada impede que os alunos desenvolvam métodos diferentes de resolução de problemas e não deixa espaço para que os aprendizes façam suposições e encontrem relações entre a realidade e a Matemática e/ou entre a Matemática e as demais áreas de conhecimento.

Abordagens mecânicas e apenas com resolução de exercícios, levam os alunos a acreditarem que todos os problemas que envolvem Matemática serão resolvidos apenas com a imitação do que é feito em sala de aula. Nesse tipo de abordagem o aluno não participa do processo construtivo da Matemática, o que faz com que os mesmos acreditem que tudo na Matemática é posto como verdade, sem que exista qualquer tipo de justificativas ou encadeamento lógico com o funcionamento da natureza e da realidade. É tirado dos alunos o prazer pela descoberta de fatos implícito no estudo da Matemática básica.

Acreditamos que aprender Matemática não é uma mera transmissão de conhecimento, mas, sim um aprender construtivo, no qual os educandos são protagonistas do próprio conhecimento. São eles quem devem desenvolver métodos e estratégias para resolver problemas e criar conjecturas a respeito daquilo exposto em sala de aula. O aluno deve ser um questionador de si mesmo para entender que a Matemática não é uma ciência pronta e acabada. Como aponta Brocardo (2001, p.88) “a Matemática é uma coisa só que apenas pode ser realmente entendida quando conseguirmos ajustar as diferentes visões parciais que, per si, são erradas uma vez que incompletas e facciosas.”

A formalidade da apresentação dos conteúdos matemáticos, muitas vezes impede que o aluno busque formas alternativas de construir o conhecimento e o mesmo tem uma visão de que a Matemática é sempre formal e que não precisa de intuição, de dúvidas, incertezas e a outros aspectos não formais. Lakatos apud Brocardo, aponta que: “Nenhum dos períodos ‘criativos’ e praticamente nenhum dos períodos ‘críticos’ das teorias matemáticas poderia ser admitido no paraíso formalista, onde as teorias matemáticas são apresentadas como safiras, purificadas das incertezas terrestres”.

Por isso estamos de acordo com Brocardo e acreditamos que os conteúdos matemáticos a serem trabalhados em sala de aula devem ter sempre um caráter investigativo, no qual os alunos possam entender os processos de validação das conjecturas. Em particular, vemos a geometria como um espaço rico para o entendimento da Matemática como um processo construtivo, baseado em ideias centrais que fundamentam toda uma teoria.

2 | REFERENCIAL TEÓRICO

Toda e qualquer Matemática parece ser insuficiente para a demanda apresentada pela Ciência, é por esse e por outros motivos que ela está em constante evolução. Em nenhum momento da história da humanidade se produziu tanta matemática quanto no final do século XX e início do século XXI.

Em relação a Matemática do século XX, Lawrence Shirley (2000, p.1) aponta que “a matemática não só está viva e bem, como está no seu período mais produtivo de sempre. Os historiadores descobriram que mais da metade da matemática que se conhece foi desenvolvida desde 1900”. Dessa forma, é um equívoco acreditar que toda a Matemática está pronta e exposta em livros.

No mesmo trabalho Shirley aponta que o excesso de rigor e a abstração causaram o fracasso do que ficou conhecido como a “nova matemática”. Muitas vezes o rigor impede que os alunos tenham autonomia para formular conjecturas em relação a determinados conteúdos e os mesmos acabam acreditando que não existe espaço para a criação ou para o aprimoramento do que já está colocado como verdade.

Acreditamos que a investigação matemática pouco se aproxima da ideia apresentada nos anos 50 e 60 em relação a maneira de trabalhar os conteúdos em sala de aula. Pois, nesse tipo de abordagem, não é exigido a priori um rigor matemático, os alunos são livres para elaborar suas hipóteses, mesmo que elas não façam sentido em um primeiro momento. Não estamos descartando o rigor matemático, apenas acreditamos que isso pode ser tratado em um segundo momento, no qual o discente deve formular argumentos para convencer os colegas e a si mesmo da veracidade de suas conjecturas.

No presente trabalho, no que se refere ao conceito de investigação matemática, adotamos o de Ernest apresentada por Brocardo. A definição do autor não deixa espaço para que exista confusão entre o ato de investigar e investigação matemática. Desse modo, questões do tipo “investigue a relação entre o x do vértice e os zeros da função quadrática” não fazem da aula uma abordagem investigativa, apenas direciona o aluno para chegar a uma determinada conclusão.

Segundo Brocardo (2001, p.100) investigação é uma atividade que “envolve diversos processos matemáticos – formulação de questões, formulação de conjecturas, teste de conjecturas, prova das conjecturas que resistiram a sucessivos testes – que interagem entre si”. Destacamos a ideia de resistência aos testes pois, acreditamos que é nesse momento que os alunos conseguem identificar quais são os argumentos lógicos que devem ser usados na demonstração da conjectura.

A definição de Ernest não é a única apresentada por Brocardo, são discutidas outras, dentre as quais selecionamos as definições de Frobisher e Pehkonen. Acreditamos que a proposta de atividade apresentada neste trabalho enquadra-se na definição de Ernest. Baseados na discussão da autora a respeito das aproximações e dos distanciamentos entre as três definições, montamos um quadro com os elementos

básicos de cada definição.

Ernest (1996)	Frobisher (1994)	Pehkonen (1997)
<ul style="list-style-type: none">• Situação inicial;• Procura;• Ação de investigar;• Exame sistemático;• Inquirição.	<ul style="list-style-type: none">• “problemas”.• Ação de investigar;• Problema aberto;• Objetivos	<ul style="list-style-type: none">• Situação de partida;• Situação aberta;• Objetivo aberto.

Tabela 1- Quadro com elementos básicos das definições.

Fonte: elaborado pelos autores.

Ernest aponta que investigação é um processo que envolve a procura, a ação de investigar, o exame sistemático e a inquirição. O autor considera que para trabalhar com investigação em sala de aula o professor pode escolher uma situação inicial ou pode aprovar alguma proposta apresentada pelos alunos. Em ambos os casos cabe ao aluno a formulação de questões, o que pode ou não mudar o foco da atividade e isso exige dos próprios alunos a exploração e análise do que foi formulado. Os mesmos devem conduzir a investigação, escolhendo o objetivo e os procedimentos para alcançá-los.

Frobisher apresenta um esquema no qual procura definir investigação matemática partindo do que considera “problemas”. O autor divide os “problemas” em convergentes e divergentes, e acredita que os do segundo tipo define o que se considera por investigação. Esta definição se aproxima da de Ernest na medida que tais problemas dão espaço para que o aluno escolha a maneira de explorar a situação inicial. No entanto, se distancia na medida que deixa espaço para problemas com um objetivo definido.

Assim como Frobisher, Pehkonen procura definir investigação matemática a partir de problemas. O autor acredita que existe uma situação de partida e um objetivo da situação. Tanto as situações como os objetivos estão classificados em fechados e abertos. O mesmo considera a investigação matemática se aproxima muito de uma situação de partida fechada e um objetivo aberto, isto é, uma situação explicada e um objetivo não predeterminado.

A atividade de investigação proposta nesse trabalho facilmente se enquadra em qualquer uma das ideias apontadas pelos três pesquisadores, basta que sejam feitas algumas alterações a fim de restringir o leque de possibilidades e de caminhos a serem seguidos durante o processo de investigação. Optamos pela definição de Ernest por acreditar que a mesmo deixa claro quais são as etapas envolvidas em uma aula investigativa.

Nesse trabalho procuramos analisar as estratégias utilizadas pelos alunos para responder alguns questionamentos levantados a partir de uma situação problema. Acreditamos que criar estratégias faz parte do processo envolvido em uma aula investigativa. Segundo Brocardo baseada no esquema de Oliveira (1998):

[...] os processos matemáticos envolvidos numa actividade de investigação, salienta-se aquilo que designo por não linearidade. Este aspecto constitui uma importante característica da actividade de investigação. De facto, por exemplo, ao perceber-se que os testes realizados não confirmam determinada conjectura é necessário voltar atrás de forma a formular outra conjectura. No entanto, para isso, é importante perceber-se o que falhou para que a primeira conjectura não resistisse aos sucessivos testes e procurar ter em conta esse aspecto na formulação de uma nova conjectura.

Baseados nesta interpretação de Brocardo para o esquema de Oliveira e no modelo de Lakatos apresentado pela pesquisadora, fizemos uma análise de como os alunos mudavam de estratégias à medida que visualizavam possíveis falhas para as conjecturas iniciais.

3 | METODOLOGIA

O presente trabalho foi desenvolvido com 23 alunos do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) matriculados na disciplina Geometria Euclidiana no primeiro semestre letivo de 2016. Optamos por essa turma devido a facilidade de acesso, já que o primeiro autor era o professor da disciplina e o segundo era o monitor.

Para a aplicação da atividade os alunos foram organizados em seis grupos, sendo cinco deles com quatro pessoas e um apenas com três. Todas as equipes receberam folhas de papel na qual deveria fazer seus rascunhos e escrever a redação final com a resposta. Utilizamos as letras maiúsculas de A até F para identificar os grupos.

A proposta foi desenvolvida em uma das aulas da disciplina e teve como objetivo investigar as diferentes estratégias adotadas e os diferentes recursos utilizados pelos alunos na exploração de conceitos de geometria plana presentes em uma situação do cotidiano. A atividade foi realizada na modalidade de aula investigativa, que segundo Brocardo (2001) são indispensáveis para estimular a participação dos alunos de modo a favorecer uma aprendizagem significativa.

A atividade surgiu a partir da observação do movimento de uma câmera em um estádio de futebol. Um dos autores deste trabalho visualizou ali um espaço rico para trabalhar com a geometria. A ideia inicial foi discutida pelos dois autores e adaptada para ser desenvolvida com a turma em questão.

Os alunos não receberam nenhuma orientação inicial de como proceder para cumprir a tarefa, os mesmos tiveram que discutir a situação proposta e elaborar planos

para investigação da mesma. O objetivo era analisar as estratégias utilizadas por eles, dessa maneira deixamos os grupos livres em relação a isso e aos recursos utilizados. Alguns alunos usaram softwares de geometria para simular o movimento da câmera, outros fios e réguas, dentre outros recursos.

Para esta análise não levamos em conta dados numéricos. Fizemos uma análise qualitativa dos procedimentos e dos argumentos utilizados pelos alunos para justificar as suas respostas diante dos questionamentos. E seguimos a ideia de Borba para pesquisa qualitativa.

O que se convencionou chamar de pesquisa qualitativa, prioriza procedimentos descritivos à medida em que sua visão de conhecimento explicitamente admite a interferência subjetiva, o conhecimento como compreensão que é sempre contingente, negociada e não é verdade rígida. O que é considerado "verdadeiro", dentro desta concepção, é sempre dinâmico e passível de ser mudado. (BORBA, 2004, p.2)

Estamos de acordo com Borba em relação ao “verdadeiro” ser passível de alterações, por isso acreditamos que esta primeira análise pode sofrer algumas alterações à medida que a situação proposta inicialmente seja estudada e sejam verificadas falhas e potencialidades.

4 | A PROPOSTA DE ATIVIDADE

A proposta foi exposta por meio de slides. Primeiro apresentamos a situação em que foi criada a atividade, como segue:

“O avanço das tecnologias tem nos proporcionado ganhos significativos na qualidade da telecomunicação, um exemplo disso são as transmissões de alguns jogos de futebol. A maioria dos esquemas de filmagem dos estádios contam com câmera aérea móvel, permitindo assim o acompanhamento da movimentação dos jogadores durante toda a partida.”

Em seguida procuramos explicar como a câmera era controlada a fim de que os alunos entendessem quais eram os possíveis movimentos e quais as restrições para o mesmo e exibimos algumas simulações. O esquema funciona da seguinte maneira:

- A câmera aérea (ponto P) fica presa, por meio de cabos, a quatro pontos fixos que chamaremos de A , B , C e D ;
- Esses pontos são tais que $ABCD$ é um retângulo.
- A câmera é controlada por meio dos cabos, para que ela seja movimentada de uma posição P até uma posição P_n , é necessário aumentar a tamanho de alguns cabos e diminuir de outros.

A figura 1 foi apresentada para os alunos com exemplo de uma possível posição inicial para o ponto P_0 e de um possível deslocamento determinando o ponto denotado

por P_1 .

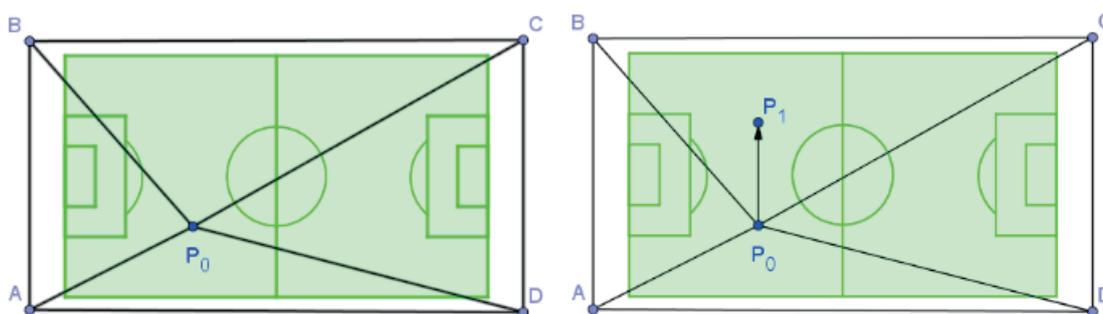


Figura 1 - Possível posição inicial e possível deslocamento.

Fonte: elaborado pelos autores.

Após entendido a movimentação da câmera passamos a seguinte orientação:

“Note que cada posição P_n determina alguns triângulos de base AB, BC, CD, DA, AC ou BD e um vértice P_n . Para essa atividade iremos considerar apenas triângulos com base AB, BC, CD ou DA e um vértice P_n ”

Em seguida foi apresentada uma lista com algumas indagações iniciais, objetivando direcionar os alunos em relação a investigação de algumas propriedades geométrica presentes na atividade. O propósito era que cada grupo formulasse conjecturas e a partir disso tentasse demonstrar a validade da mesma. A lista continha um total de seis perguntas, como a maioria dos grupos apresentaram solução apenas para as duas primeiras, omitimos as demais. As duas primeiras perguntas e as nossas expectativas com as mesmas, foram as seguintes:

1) Considerando que os pontos A, B, C, D e P_n são coplanares e uma posição inicial para a câmera (ponto P_0), movendo o ponto P de acordo com as possibilidades de movimento da câmera, para uma nova posição P_n , é possível determinar quantos triângulos de vértice P_n , congruentes ao triângulo ABP_0 inicial? É possível mostrar que os triângulos são congruentes? Por quais casos de congruência?

Nesta primeira pergunta esperávamos que os alunos determinassem a quantidade de triângulos congruentes de uma forma geral ou dividindo nos seguintes casos: apenas dois triângulos, caso o inicial seja isósceles de base AB, BC, CD ou DA e quatro para os casos em que os pontos estivesse em uma posição diferente das citadas.

2) Usando o mesmo raciocínio da questão anterior responda se para qualquer posição P_0 inicial é possível determinar a mesma quantidade de triângulos congruentes?

Para esta segunda pergunta esperávamos que os alunos analisassem a resposta da questão 1 e investigassem se existem outras posições para as quais a resposta não seja a mesma. Esperávamos que os mesmos citassem que existe casos em que a quantidade de triângulo pode variar.

5 | APRESENTAÇÃO DAS REDAÇÕES DOS GRUPOS

No que segue, apresentamos as observações feitas durante a aplicação da atividade e um resumo das estratégias e das redações apresentadas pelos alunos. Optamos por apresentar os resultados por grupo, para facilitar a leitura.

Grupo A. A redação apresentada como resposta para o problema 1, nos permitiu observar que o primeiro passo adotado pelos integrantes do grupo foi entender melhor a situação proposta, e como estratégia de resolução listaram os casos de congruência de triângulos estudado na disciplina até então.

O grupo fez alguns esboços de possíveis posições para o ponto P_0 , no entanto, analisou apenas o caso em que tal ponto coincidia com o ponto médio de um dos lados do retângulo. Apresentou quatro triângulos congruentes entre si, observou que todo triângulo é congruente a ele mesmo e justificou a congruência entre os demais usando o caso LAL (lado, ângulo, lado). O grupo não apresentou nenhuma solução para os demais questionamentos.

Grupo B. Não foi possível fazer uma análise detalhada das respostas desse grupo pois, o mesmo apresentou todas as respostas de modo muito objetivo e sem justificativas. Por exemplo, no problema 1 o grupo respondeu de forma equivocada que existiria apenas um triângulo caso P_0 fosse o ponto médio do lado do retângulo e não apresentou nenhuma justificativa.

Durante a aplicação da atividade o grupo apresentou muita dificuldade em relação a ideia de movimento de um ponto e tentou fazer algumas simulações com canetas, régua e fios e com um software de geometria dinâmica.

Grupo C. O grupo apresentou solução apenas para os problemas 1 e 2. A estratégia adotada para a resolução do primeiro problema foi a existência de retas paralelas aos lados do retângulo e a ideia de equidistância em relação a tais retas. A redação apresentada descreve os passos para a construção das retas, quais pontos serão tomados como vértices e aponta o caso LLL (lado, lado, lado) como justificativa para a congruência entre os triângulos, no entanto, não diz como proceder para verificar a congruência.

No problema 2, o grupo considerou o caso em que o ponto P_0 coincidia com a intersecção das diagonais do retângulo e justificou de forma correta que para essa posição inicial havia apenas um triângulo congruente.

Grupo D. O grupo apresentou solução apenas para o problema 1. Foram analisados dois casos, no primeiro caso o ponto médio da diagonal do retângulo foi adotado como o ponto inicial, e o grupo concluiu que havia apenas um triângulo congruente ao considerado inicialmente pelo caso ALA (ângulo, lado, ângulo). No segundo caso, o grupo não apresentou redação como resposta, apenas alguns esboços que foram analisados e nos permitiu concluir que os alunos encontraram quatro triângulos congruentes entre si.

Grupo E. A solução apresentada pelo grupo para o problema 1 foi dividida em

três casos e a estratégia adotada foi traçar os eixos de simetria do retângulo. Nos casos 1 e 2 o grupo concluiu que havia apenas dois triângulos congruentes entre si pois, para esses dois casos o ponto inicial pertencia a algum eixo de simetria. Apesar de não existir uma redação explícita, acreditamos que no terceiro caso foi usado a própria simetria para justificar a existência de quatro triângulos congruentes entre si. O grupo não se posicionou em relação aos demais questionamentos.

Grupo F. O grupo analisou 3 casos possíveis no problema 1. No primeiro caso, apesar dos alunos usar o termo “encontro das medianas”, entendemos que os mesmos estavam se referindo ao encontro das diagonais como o ponto inicial. No segundo caso o ponto inicial pertencia ao interior do retângulo e no terceiro a um dos lados do mesmo retângulo. Em todos os casos a quantidade de triângulos estavam de acordo ao esperado para esse primeiro questionamento, porém, houve algumas confusões em relação aos casos de congruência e as justificativas ficaram incompletas. O grupo não apresentou solução para os demais.

As figuras 2 e 3 mostram, respectivamente, a simulação do movimento com o uso de régua e fios apresentada pelo grupo B e o rascunho com os eixos de simetria do retângulo adotada pelo grupo E.



Figura 2 - Simulação do movimento

Fonte: foto tirada em sala de aula.

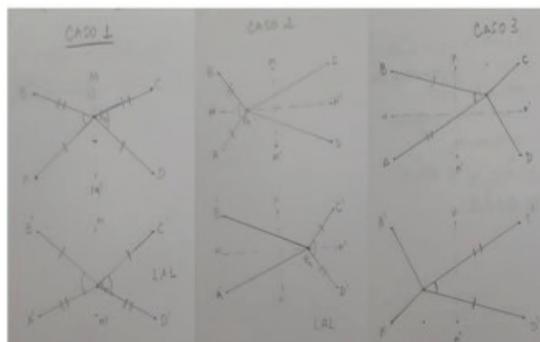


Figura 3- Extrato da resposta do grupo E

Fonte: foto tirada em sala de aula.

6 | ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS RESPOSTAS

A análise das respostas apresentadas pelos grupos chamou a atenção pela ausência de argumentos para a conclusão de fatos importantes como por exemplo as congruências dos triângulos envolvidos. Apenas o grupo A e C elaboraram justificativas, os demais não se preocuparam em justificar a congruência, apenas apontaram como determinar os vértices dos triângulos. Acreditamos que essa falta de argumentação nas respostas está relacionada a imaturidade dos alunos, normalmente Geometria Euclidiana é a primeira disciplina que os mesmos têm contato com esse tipo de demonstração matemática.

Durante a aplicação da atividade percebemos que a escolha da estratégia foi

uma construção coletiva, resultante das discussões entre os componentes do grupo. Observamos que em muitos momentos houve discordância entre as ideias de cada membro da equipe, no entanto, esse fato não prejudicou o andamento da atividade, pelo contrário, enriqueceu ainda mais o trabalho e ficou explícito que algumas das estratégias pensadas inicialmente foram logo descartadas, sem a necessidade de ocorrer o erro.

Analisando as redações apresentadas percebemos que a maioria dos grupos adotaram estratégias distintas. A seguir apresentamos um quadro com algumas falhas e alguns sucessos na execução das estratégias utilizados pelos alunos.

Estratégias	Sucessos	Falhas
<ul style="list-style-type: none"> • Listar os casos de con-gruência; • Esboçar possíveis posi-ções para o ponto P_0; • Simular o movimento da câmara; • Traçar retas paralelas; • Refletir os pontos em rela-ção aos eixos de simetria. 	<ul style="list-style-type: none"> • Listar corretamente os casos de con-gruência; • Visualizar melhor a si-tuação descrita; • Usar a equidistância de retas paralelas; • Tomar os eixos de si-metria do retângu-lo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Não saber interpretar os ca-sos de congruência • Analisar apenas posi-ções particulares para o ponto P_0; • Não demonstrar a con-gruência dos triângulos; • Confundir os conceitos de diagonal e mediana;

Tabela 2- Falhas e sucessos na escolha de algumas estratégias.

Fonte: elaborado pelos autores.

Os grupos E e F foram os que melhor conseguiram desenvolver suas estratégias, mesmo assim não houve uma preocupação em demonstrar a congruência entre os triângulos apresentados. As demais equipes não conseguiram colocar em prática o que foi planejado. Acreditamos que isso está relacionado a necessidade de uma análise melhor da situação inicial por parte dos alunos.

Acreditamos que essa miscelânea de estratégias enriquece o trabalho em sala de aula permitindo que os alunos visualizem a Matemática como algo que independe de algoritmos prontos e acabados.

7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao desenvolver a atividade com uma turma de Licenciatura em Matemática, percebemos a importância de os futuros professores terem um contato com aulas investigativas para uma reflexão sobre a prática em sala de aula e sobre o desenvolvimento da Matemática enquanto ciência, desmistificando a ideia de que a

Matemática é algo pronto, sem dúvidas e sem incerteza.

Os alunos apresentaram diferentes estratégias para investigar a situação proposta inicialmente. Cada uma delas tinha pontos positivos e ajudava a resolver parte da situação. Também foram encontradas falhas em algumas estratégias. Esperamos numa segunda oportunidade discutir as estratégias adotadas pelos alunos e continuar a promover atividades investigativas.

A investigação matemática, quando olhada do ponto de vista de Ernest, tira o aluno do papel de receptor e o coloca como responsável pela construção do conhecimento individual e coletivo. Acreditamos que o Ensino e Aprendizagem da Matemática pode ser melhorado à medida que o professor abre um espaço para que os alunos participem de forma crítica da construção do conhecimento, sem ter medo de errar e ser prejudicado.

REFERÊNCIAS

BORBA, Marcelo de Carvalho. **A Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática**. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED. 27., 2004, Caxambu. **Anais...** Caxambu, 2004. p. 21-24

BROCARD, Joana. **Investigações na Aula de Matemática: Um projeto curricular no 8º ano**. 2001. 621p. Tese de Doutorado da Pós-Graduação em Didática da Matemática - Departamento de Educação da Faculdade de Ciências, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2001. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10451/3101>>

SHIRLEY, Lawrence. **Matemática do século XX: o século em breve revista**. Revista Educação e Matemática, Lisboa, Nov. 2000. Caderno 60.

SOBRE O ORGANIZADOR

Eliei Constantino da Silva - Licenciado e Bacharel em Matemática pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Brasil, e Universidade do Minho, Portugal, respectivamente. Mestre em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP). Membro do Grupo de Pesquisa em Informática, outras Mídias e Educação Matemática (GPIMEM) e membro do Grupo de Pesquisa Ensino e Aprendizagem como Objeto da Formação de Professores (GPEA). Atuou como professor bolsista do Departamento de Educação Matemática do Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP). Tem interesse e desenvolve pesquisas nos seguintes temas: Educação Matemática, Pensamento Computacional, Robótica, Programação Computacional, Tecnologias Digitais na Educação, Ensino e Aprendizagem, Teoria Histórico-Cultural e Formação de Professores. Atualmente é doutorando em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), editor de conteúdo da Geekie, colunista do InfoGeekie, membro do Comitê Técnico Científico da Atena Editora, professor do Colégio Internacional Radial e desenvolve ações de formação de professores relacionadas ao uso de tecnologias e Pensamento Computacional na Educação.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Anos Finais do Ensino Fundamental 46

Aprendizagem 2, 25, 69, 100, 140, 170

D

Desenho Geométrico 46, 130, 140

E

Educação Básica 34, 47, 121, 139, 179, 180, 181, 182

Educação Matemática 5, 1, 15, 16, 18, 25, 26, 35, 37, 45, 54, 55, 57, 66, 80, 81, 100, 101, 102, 114, 116, 127, 140, 142, 149, 158, 159, 170, 171, 172, 173, 176, 177, 179, 188, 189, 191, 192, 197

Elementos para esboço gráfico 90

Ensino 2, 5, 8, 13, 14, 15, 19, 20, 21, 25, 27, 34, 35, 36, 40, 46, 47, 48, 55, 57, 58, 60, 61, 67, 68, 69, 76, 79, 80, 81, 84, 88, 89, 91, 92, 94, 96, 98, 99, 100, 103, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 122, 126, 127, 129, 131, 133, 139, 142, 149, 158, 170, 174, 175, 180, 183, 184, 185, 187, 189, 191, 193

Ensino de Geometria 46, 48, 129

Ensino de Matemática 14, 27, 76, 79, 80, 103, 113, 127, 142

Ensino Médio 5, 8, 13, 55, 57, 58, 60, 61, 67, 68, 69, 81, 84, 89, 91, 92, 94, 96, 98, 99, 103, 110, 111, 112, 113, 115, 116, 118, 122, 126, 127, 129, 131, 133, 139, 175, 184, 185, 187

Ensino Superior 5, 184, 189

Equações do 1º e do 2º grau 55

Estratégia de Ensino 98

F

Fórmula de Poliedro 98

Fração 1, 3

G

GeoGebra 90, 92, 93, 95, 96, 116, 117, 118, 121, 122, 123, 126, 127

H

História da Matemática 13, 54, 98, 99, 100, 101, 102, 113, 114, 115, 173, 174, 175, 176

I

Imagem virtual 14

J

Jogos Educativos 26

Jogos Matemáticos 55, 66, 81, 88, 89

L

Laboratório de Matemática 81, 82, 84, 85, 86

Literatura 35, 37, 38, 43, 44

Lugar geométrico 90

M

Matemática 2, 5, 9, 1, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 32, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 66, 67, 69, 76, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 121, 124, 125, 126, 127, 129, 131, 132, 137, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 147, 149, 150, 151, 152, 158, 159, 160, 161, 162, 164, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 179, 180, 181, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 197, 202, 203, 217, 218, 224, 270

Matematofobia 81, 82

Música 1, 13

P

Parábola na forma canônica 90

PIBID 9, 26, 27, 28, 34, 56, 129, 130, 133, 181, 182, 183, 184, 186, 187, 188

R

Registros de representação 14, 25

Resolução de Problemas 55, 57, 58, 102, 173, 174, 176

S

Semiótica 14, 15, 16, 18, 19, 25

T

Trigonometria 5, 69

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-545-7



9 788572 475457